

Mulheres Maravilhas:

A representação de personagens femininas em filmes de super-heróis¹

Clarice Nogueira MOTA²

Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Em 1941, o mundo conhecia a Mulher Maravilha, uma personagem que ia na contramão do papel da mulher na sociedade naquela época. Em uma cultura em que apenas homens tinham esses papéis, a criação de uma protagonista muda bastante a forma como personagens femininas são representadas em narrações. Após quase 80 anos de sua criação, o discurso em torno de sua história mudou? Como a sociedade e a mídia discutem a personagem? As mulheres se sentem representadas em histórias em quadrinhos do universo de super-heróis? Essas questões são discutidas neste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; super-heróis; cultura pop; gênero; Mulher Maravilha.

Introdução

Criadas na primeira metade do século XX, as histórias em quadrinhos de super-heróis sempre retrataram personagens masculinos fortes, inteligentes e poderosos, pensados para atender um público jovem. Personagens como o Super Homem e Batman são exemplos dessas representações masculinas. Aqui, mulheres eram retratadas como o sexo frágil, alguém que estava sempre em apuros e seria salva pelo herói. (NÃO ME KAHLO, 2016)

Durante a Segunda Guerra Mundial, o psicólogo William Marston, junto ao desenhista Harry Peter, criou uma personagem feminina que ia contra a imagem que as mulheres da década de 1940 tinham: enquanto as americanas exerciam um papel basicamente doméstico, era criada a super-heroína Mulher Maravilha. (DELANEY, 2014)

De acordo com Weschenfelder (2012, p. 1), “um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura *pop* da atualidade é o forte ressurgimento dos super-heróis como ícone cultural e de entretenimento”. Obras que retratam personagens como Super

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Pós-graduanda no curso de Processos Criativos em Palavra e Imagem na PUC-MG, e-mail: claricemota.n@gmail.com

Homem, Batman, Homem de Ferro e Deadpool sempre lotam salas de cinema, fazendo com que os estúdios faturem milhões de reais por todo o mundo. Apesar da força desses filmes como ícone da cultura pop, apenas no ano de 2017 foi lançado um filme com uma super-heroína como personagem principal³. O filme, também o primeiro desse universo a ser dirigido por uma mulher, bateu recordes em bilheteria: de acordo com o site Adoro Cinema⁴, o filme acumula cerca de US\$790 milhões nas bilheterias mundiais.

É possível, então, analisar certa mudança de discurso dessas personagens e o impacto dessas representações para a sociedade. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é descrever a personagem Mulher Maravilha e como ela é abordada pela sociedade, fazendo uma comparação com histórias de super-heróis que não possuem mulheres como personagens centrais.

Criação da Mulher Maravilha

Segundo Delaney (2014), o psicólogo William Moulton Marston entrou na esfera das histórias em quadrinhos logo após o ataque à base militar norte-americana Pearl Harbor, em dezembro de 1941. Aqui nascia a personagem conhecida hoje em todo mundo como a super-heroína mais feminista de todos os tempos: a Mulher Maravilha.

Para discutir a relação entre a comunidade e a criação da personagem, é importante ressaltar o impacto que a Segunda Guerra Mundial causou na sociedade em relação ao papel da mulher. Com duração de 1939 a 1945, a Segunda Guerra teve dois grupos rivais: de um lado, estavam a Alemanha, Itália e Japão, que se sentiam prejudicados com os tratados de paz pós Primeira Guerra e buscavam recuperar o sentimento de nacionalismo de suas populações. Contra o chamado Eixo, estavam a URSS, os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, que formavam o grupo dos Aliados e buscavam defender seus territórios (HOBSBAWN, 1995).

De acordo com Hobsbawn (1995), 20% de força humana total foram para as Forças Armadas e o número total de mortes é incalculável, já que morreram tanto pessoas de uniformes quanto civis.

Assim, a situação começou a mudar nos países que se encontravam em guerra. Já que os homens estavam lutando nas trincheiras, as mulheres passaram a trabalhar nas

³ Disponível em <<http://cultura.estado.com.br/noticias/cinema,mulher-maravilha-e-um-grande-filme-de-super-heroína,70001851792>>. Acesso em 08/08/2017.

⁴ Disponível em <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-132837/>>. Acesso em: 08/08/2017

indústrias bélicas, buscando sustentar a família. Após o término da guerra, os maridos, muitas vezes mutilados ou feridos demais para sustentar o lar, se tornavam incapazes de exercer qualquer tipo de trabalho. A partir daí, as mulheres começaram a assumir empregos e a ganhar espaço na sociedade (NUNES, 2009).

Delaney (2014) descreve essa mudança como uma quebra das convenções aceitas pelos norte-americanos, que estavam preocupados com os papéis das mulheres nas esferas econômica, doméstica e política. Marston, então, aproveita essa quebra de paradigmas para lançar seu novo trabalho.

Segundo Matsuuchi (2012), nessa época, Marston havia sido contratado como um consultor de psicologia em uma editora de histórias em quadrinhos e esperava utilizar desse meio para inspirar mudanças sociais a partir de imagens de inversão de papéis de gênero.

Foi sua mulher, Elizabeth Holloway Marston, quem primeiro percebeu a necessidade de uma super-heroína, que seria dotada de traços que não são associados com o sexo feminino. Ainda de acordo com Delaney (2014, p. 1), “Marston imaginou uma personagem que tinha semelhanças com sua secretária e assistente, Olive Byrne Richard (ela tinha cabelos escuros, olhos azuis, e usava braceletes de metal nos dois punhos)” (tradução nossa)⁵.

É possível identificar que o criador da Mulher Maravilha se inspirou em suas próprias experiências com mulheres para escrever sobre a personagem. Matsuuchi (2014) descreve um relacionamento aberto entre o autor, Holloway Marston e Olive Byrne, que foram consideradas cocriadoras da super-heroína.

Sua criação da Mulher Maravilha, em colaboração com o ilustrador Harry Peter, instigou uma imagem quanto o que a mulher americana da década de 1940 poderia, deveria e faria nas próximas gerações. Sua história original, fantasia, poderes sobrenaturais e armas foram cuidadosamente pensadas para comunicar uma percepção feminista, tema fortemente defendido por Marston. (DELANEY, 2014, p. 2, tradução nossa)⁶

⁵ Texto original: Marston envisaged a character with the likeness of his secretary and assistant, Olive Byrne Richard (she had dark hair, blue eyes, and wore metal bracelets on both wrists).

⁶ Texto original: His creation of Wonder Woman, in collaboration with comic artist Harry Peter, instilled an image to contemporary 1940s America of what a woman could, should, and would look like in the generations to follow. Her origin story, costume, supernatural powers, and weapons were all carefully designed to communicate a feminist perception, an idea strongly advocated by Marston.

Pode-se perceber, então, que Marston criou a Mulher Maravilha em uma época que ocorreu uma mudança de valores quanto ao papel da mulher na sociedade. A mulher passa a ter diferentes funções e uma personagem feminina neste contexto foi bastante preciso, ao mostrar a nova mulher ideal dos anos 40.

Mas até onde a criação da Mulher Maravilha foi feita para mulheres? Segundo O'Reilly (2005), autores sugerem que a aparência física da personagem e seus trajes foram desenhados como um apelo à fantasia de dominação dos homens. Também é discutida certa submissão da personagem em relação a imagens masculinas quando, por exemplo, em uma narração de 1942, o interesse romântico de Diana Prince a acorrenta em uma cozinha para que ela não saia à procura de um trabalho. (DELANEY, 2014)

O local em que a cena ocorre diz muito sobre a relação de poder entre personagens masculinas e femininas: “a cozinha se mostra como uma forte iconografia associada com os papéis femininos, mais especificamente como a expectativa de que a mulher ‘saiba seu lugar’.” (DELANEY, 2014, p. 5, tradução nossa)⁷

Movimento feminista

O movimento feminista também tem importante papel na mudança de paradigmas observada em grande parte do mundo.

Segundo Koller e Narvaz (2006), o movimento feminista pode ser dividido em três “ondas”, que ocorreram em diferentes épocas, conforme as necessidades políticas de cada tempo. A primeira delas ocorreu a partir das últimas décadas do século XIX (Pinto, 2010).

A primeira geração (ou primeira onda do feminismo) representa o surgimento do movimento feminista, que nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens. (KOLLER E NARVAZ, 2006, p. 649).

Aqui, Pinto (2010) dá destaque às chamadas *suffragettes*, mulheres que promoviam grandes manifestações em Londres pelo direito ao voto feminino.

A segunda onda do feminismo surge nas décadas de 60 e 70, especialmente na França e Estados Unidos. As francesas buscavam dar visibilidade à experiência

⁷ Texto original: The kitchen setting functions as strong iconography associated with female roles, more specifically, the expectation of women to “know their place”.

feminina, apesar das diferenças entre homens e mulheres. Enquanto isso, as feministas americanas denunciavam a opressão masculina e buscavam por igualdade de gênero. (KOLLER E NARVAZ, 2006)

Nesta época, outros movimentos sociais ajudaram a disseminar o discurso feminista, como os hippies, que contrariavam os valores morais da sociedade e o consumismo dos norte-americanos. Eles propagavam o famoso lema “paz e amor” e eram a favor da liberdade sexual, propondo, assim, um novo estilo de vida. (PINTO, 2010)

Nos anos 80, é instaurada a terceira onda do feminismo, que tem como proposta analisar as diferenças e diversidade entre os sexos, dando importância às experiências de cada um como algo singular. As relações de gênero passam a ser estudadas, observando que as subjetividades feminina e masculina podem ser iguais e diferentes ao mesmo tempo (KOLLER E NARVAZ, 2006).

Segundo Santos (2011), nos dias de hoje, o movimento feminista defende direitos iguais entre homens e mulheres em todos os campos: igualdade social, política e econômica entre os sexos. Dessa forma, o feminismo se mostra tanto como um movimento político, quanto uma teoria social.

Na perspectiva da ação política, o feminismo está vinculado aos movimentos em defesa dos direitos humanos e ligado diretamente as lutas permanentes pela defesa da qualidade de vida tanto no que diz respeito à defesa das liberdades civis, aos direitos sociais. Ou seja, está vinculado a um novo projeto de sociedade civil. (SANTOS, 2011, p. 85)

Dessa forma, Koller e Narvaz (2006, p. 648) apresentam o feminismo como “uma filosofia que reconhece que os homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes”.

De acordo com Pinto (2010, p. 22), “desde seus primeiros passos, a razão de ser do movimento feminista foi ‘empoderar’ as mulheres”. Mas qual o significado desse termo?

Segundo Callai e Zeni (2011, p. 78), “o empoderamento possibilita tanto a emancipação individual, como a consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e da dominação política.” Assim, empoderamento pode ser

entendido como a conscientização dos indivíduos quanto aos seus direitos sociais e civis.

O empoderamento implica, pois, no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público (inserção em cargos de poder/decisão, educação não sexista e serviços de saúde adequados) e também em contextos mais específicos, ou individuais (aumento de autoestima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc). (CORTEZ, 2008, p. 172)

O empoderamento feminino se mostra aqui como um entendimento da mulher quanto aos seus direitos sobre seu lugar na sociedade, seu corpo, educação, autonomia e outros pontos que influenciam o modo como a mulher é vista em coletivo.

Personagens femininas em histórias de super-heróis

Como foi apresentado, a Mulher Maravilha foi criada para apresentar um novo modelo de mulher na década de 1940. Segundo Delaney (2014):

Essa representação de uma mulher forte fazia um impressionante contraste com a dona de casa habitual dos anos 1940. A mensagem feminista passada era a de que uma mulher forte, competente, fisicamente capaz poderia alcançar um homem, que era aceito como um ser superior nessa época. (DELANEY, 2014, p. 4, tradução nossa)⁸

Apesar desse entendimento de certo empoderamento da mulher a partir da criação de uma personagem com super poderes, é possível perceber que a protagonista feminina nem sempre é representada da mesma forma que super-heróis masculinos.

O'Reilly (2005) exemplifica essa diferenciação entre super-heróis masculinos e femininos ao comparar a Mulher Maravilha e o Super Homem, ambos muito famosos no universo dos quadrinhos: enquanto Diana Prince precisa competir e ganhar certos desafios para provar que é merecedora do título de “Mulher Maravilha”, Clark Kent é considerado um herói porque decidiu que assim o seria.

De acordo com a autora, “super-heróis femininos em julgamento devem provar seu mérito para que a entidade seja sancionada, enquanto super-heróis masculinos em

⁸ Texto original: This representation of a strong woman was in striking contrast with the common housewife of the 1940's. The feminist message communicated was that a strong, proficient, able-bodied female could overtake that of a male, which was fundamentally accepted as the superior sex in this era.

juízo conseguem o êxito a partir de seu próprio interesse” (O’REILLY, 2005, p. 247, tradução nossa)⁹.

Percebe-se assim uma diferença entre as narrativas dos super-heróis de acordo com seus gêneros. Enquanto o homem com super poderes se põe no lugar de herói, a mulher precisa de autorizações para exercer a mesma função.

Se em Mulher Maravilha a mulher tem papel protagonista da história, é necessário lembrar que nem sempre tais personagens tiveram tanto destaque e importância em uma narrativa. Segundo Rodrigues *et all* (2015), apesar dessas personagens serem criadas para enaltecer a mulher, não é possível perceber tal empoderamento em todas as narrações. Muitas vezes, a super-heroína deixa de ser protagonistas em suas próprias histórias.

Ora retratadas como mocinhas indefesas e ora como corruptoras da moral masculina, as mulheres nos quadrinhos estão sempre ligadas a um homem através de seduções, roupas provocativas, ações explicitadas e tudo aquilo que a supremacia masculina usa como definição do que é ser mulher. (RODRIGUES *et all*, 2015, p. 5)

Constata-se que, mais uma vez, a imagem da mulher está atrelada à do homem. O’Reilly (2005) faz essa comparação ao discutir que a Mulher Maravilha é vista como uma personagem que tem a mesma força do Super Homem, mas com a doçura de uma bela mulher.

É possível destacar também a facilidade que se têm de descartar uma personagem feminina para salvar a narração da personagem masculina. O termo “mulheres na geladeira” foi criado para falar exatamente dessas personagens que saíram dos quadrinhos apenas para uma melhor continuidade da história do homem (RODRIGUES *et all*, 2015).

O termo surgiu em uma história do herói Lanterna Verde, que encontra sua namorada esquartejada dentro de uma geladeira. A morte da personagem feminina aconteceu apenas para que houvesse uma história mais atrativa. Rodrigues *et all* (2015) citam outras histórias em quadrinhos em que ocorreu a mesma coisa: Super Homem, Batgirl, Quarteto Fantástico. Em todas essas histórias, a mulher é vulnerável ao homem e peça descartável em suas histórias.

⁹ Texto original: Female superheroes on Trial must prove their merit to a sanctioning institution, while male superheroes on Trial affect the outcome on their own behalf.

Filme: Mulher Maravilha

Segundo Weschenfelder (2012), grande parte do sucesso dos super-heróis na cultura pop atual se deve às adaptações feitas para o cinema. Costa (2016, p. 64) defende que “a estratégia não só deu certo como é vista por muitos como a ‘salvação financeira de Hollywood’ nos últimos anos, visto que as empresas de cinema encontravam-se em crise financeira no início do século XXI”

Apesar dessa busca por adaptações de histórias em quadrinhos para filmes, apenas em 2017 foi lançado um filme com uma super-heroína como personagem principal desde 1984. Mulher Maravilha é distribuído pela Warner Bros. Pictures e faz parte do universo da DC Comics, que possui vários outros filmes de super-heróis, sempre focados em personagens masculinas.

Tal filme também é o primeiro do gênero a ser dirigido por uma mulher, Patty Jenkins, e foi percebido por muitos como um filme feminista, que discutia o poder da mulher. Apesar disso, é possível perceber um certo cuidado dos envolvidos ao discutir termos como esses, que, muitas vezes, são taxados em nossa sociedade.

De acordo com o Lina Abirafeh, em matéria para a Revista Galileu¹⁰, Gal Gadot, a atriz escolhida para o papel de Mulher Maravilha, disse “Crédito da Patty por não tornar [Mulher-Maravilha] em uma chata”. A partir dessa citação, percebe-se que todo a produção do filme tem bastante contradições em seu discurso.

É interessante perceber a diferença do filme Mulher Maravilha, de 2017, com filmes de outros super-heróis. Em muitos deles, a representatividade da mulher é tão pouca, que elas mal têm falas expressivas na narrativa.

Para analisar tal representatividade de gênero no cinema, existem alguns testes que podem auxiliar a pesquisa. O mais famoso deles, Teste de Bechdel, busca mensurar entendimentos quanto a gênero no discurso cinematográfico.

Segundo Magaldi (2016), existem três critérios a serem analisados:

A – a existência de, ao menos, duas personagens femininas com nomes;

B – tais personagens precisam conversar entre si;

C – o tópico dessa conversa pode ser qualquer um, desde que não seja um homem.

¹⁰ Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/08/mulher-maravilha-icone-feminista-ou-simbolo-de-opressao.html>>. Acesso em: 08 ago. 2017

Tais critérios determinarão se determinado filme passará no teste ou não.

Magaldi (2016) mostra resultados de filmes analisados em 2014:

No ano de 2014, foram analisados 122 filmes, com 47 deles passando no teste, sem questionamentos ou divergências. Dentre os filmes que foram reprovados, somente 7 falharam na primeira categoria, ou seja, não tinham duas personagens femininas nomeadas. Esse dado revela que no cinema atual não enfrentamos uma crise de representações femininas, e sim de representatividade feminina. (MAGALDI, 2016, p. 253).

Ao fazer uma busca no site criado para a discussão quanto ao teste¹¹, percebe-se que muitos filmes de super-heróis do mesmo gênero são reprovados no teste, como vários filmes do Batman e Super Homem, que pertencem ao mesmo universo de Mulher Maravilha.

Considerações finais

Mesmo com a criação de uma super-heroína no início da década de 1940, é possível perceber que as personagens femininas estão sempre atreladas a uma personagem masculina (RODRIGUES *et all*, 2015). Avalia-se também a vulnerabilidade dessas personagens, que são descartadas caso a narração precise de algo para deixá-la interessante para o protagonista masculino.

Ao criar a Mulher Maravilha, Marston quis representar a nova mulher ideal: aquela que tem os mesmos poderes que o homem, que luta pelos mesmos direitos e, se for preciso, pode ganhar de um homem em uma luta. Apesar disso, a personagem foi criada de modo a realizar um fetiche masculino: a mulher forte, poderosa, com um corpo feito para o imaginário do homem.

Percebe-se que a Mulher Maravilha ainda é menos poderosa que um homem, mesmo sem poderes. De acordo com Delanay (2014), a personagem pode perder seus poderes caso se entregue romanticamente a um homem ou caso uma figura masculina segure os braceletes ao mesmo tempo. Isso nos mostra que, mesmo sendo uma “super mulher”, com super poderes, ela ainda está sujeita à força do homem.

É interessante observar em que aspectos a Mulher Maravilha representa as mulheres de todo mundo e como a personagem, mesmo sendo fictícia, tem muita força no mundo “real”. De acordo com Abirafeh (2016), a ONU elegeu a personagem como

¹¹ Disponível em: <<https://bechdeltest.com/>>. Acesso em 24 abr. 2018

Embaixadora do Empoderamento Feminino, afim de conquistar a igualdade de gênero e o empoderamento das meninas até 2030.

Tão ação foi bastante criticada pelo movimento feminista por vários aspectos, sendo os principais: nenhuma mulher de carne e osso está a altura de um cargo como esse? Ainda, a beleza extrema e sexualidade da personagem não estariam alienando crianças em todo mundo?

Com toda repercussão dada ao caso, a ONU se viu obrigada a retirar a personagem do cargo e se retratar.

Ao discutir os filmes, a representatividade da mulher muda quando há uma diretora à frente do projeto. Enquanto muitos filmes não passaram no teste de Bechdel por não terem personagens femininas expressivas, o filme de Patty Jenkins aborda bastante a relação da mulher, principalmente ao apresentar uma ilha onde viviam apenas mulheres.

A partir desse estudo, foi possível perceber que as mulheres são representadas em filmes, mas não possuem representatividade na narrativa. Muito disso se deve ao fato de que homens representam maior parte dos cargos de diretores de grandes filmes.

Isso se dá por que, segundo Rodrigues (2015), “a representação de personagens femininos por aqueles que não estão acostumados a enfrentar os problemas que as mulheres passam diariamente acaba se tornando tão estranha e preocupante quanto a falta de representatividade feminina.”

Assim, é importante que se dê lugar para que mais mulheres contem as histórias de personagens femininas. Quem sabe, então, a imagem da mulher deixe de estar atrelada à imagem do homem.

Referências

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas**. In: Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADOROCINEMA. **Mulher-Maravilha ultrapassa bilheteria de Deadpool**. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-132837/>>. Acesso em: 08 ago. 2017

CALLAI, Helena Copetti. ZANI, Bruna Schindwein. **A Importância Do Lugar: Construindo A Cidadania Na Fábula Perversa Do Globalitarismo De Milton Santos**. Teoria E Sociedade nº 19.1 – janeiro - junho de 2011, p. 66-81

COLETIVO NÃO ME KAHLO. **#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes – 1 ed.** – Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

CORTEZ, Mirian Béccheri. **Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal**. Psicologia: Teoria e Pesquisa 2008, Vol. 24 n. 2, pp. 171-180.

COSTA, Robson Santos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. **Informação, memória e adaptação: os super-heróis dos quadrinhos nas telas de cinema**. 9ª arte. São Paulo, vol. 5, nº1, 1º semestre/2016.

DELANEY, Angelica E. **"Wonder Woman: Feminist Icon of the 1940s"** *The Kennesaw Journal of Undergraduate Research*: Vol. 3: Iss. 1 , Article 1 (2014). Disponível em: <<http://digitalcommons.kennesaw.edu/kjur/vol3/iss1/1>>. Acesso em: 06 ago. 2017

ESTADÃO. **'Mulher-Maravilha' é um grande filme de super-heroína**. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,mulher-maravilha-e-um-grande-filme-de-super-heroína,70001851792>>. Acesso em 08/08/2017.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOLLER, Sílvia Helena; NARVAZ, Martha Giudice. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>> Acesso em 24 abr. 2018.

MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. **Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas**. Textura, Canoas, v. 18, n. 36, p. 250-264, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1588/1463>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

MATSUUCHI, Ann. **"Wonder Woman Wears Pants: Wonder Woman, Feminism and the 1972 'Women's Lib' Issue."** *Colloquy* 24 (2012): 118-142.

MULHER MARAVILHA. Direção: Patty Jenkins; Produção: Zack Snyder, Charles Roven, Deborah Snyder, Richard Suckle. Estados Unidos: Warner Bros, 2017.

NUNES, Flávia Mariana de Oliveira et al. **Marketing voltado para o público feminino**. In: Intercom, 32. ed. Curitiba, PR. 4 a 7 de setembro de 2009.

O'REILLY, Julie D. **The Wonder Woman Precedent: Female (Super)Heroism on Trial**. *The Journal of American Culture* 28, no. 3 (2005): 273-283.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso em: 10 set. 2017

REVISTA GALILEU. **Mulher-Maravilha: ícone feminista ou símbolo de opressão?** Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/08/mulher-maravilha-icone-feminista-ou-simbolo-de-opressao.html>>. Acesso em: 08 ago. 2017

RODRIGUES, Edvaldo; MENEZES, Maria Eduarda; BANDEIRA, Álamo. **Mulheres na geladeira: A vulnerabilidade das super-heroínas no universo das histórias em quadrinhos**.

XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a
7/9/2015

SANTOS, Jucélia Bispo Dos. **Novos movimentos sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero.** Revista Internacional de Direito e Cidadania, Universidade de Brasília, n. 9, p. 81-91, fev. 2011.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Os super-heróis e esta tal de filosofia.** Revista de Educação do IDEAU, v. 7, n. 15, jan./jun. 2012. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/290997391_Os_Super-Herois_e_essa_tal_de_filosofia>. Acesso em: 24 abr. 2018.